

arquivo



administração

PUBLICAÇÃO OFICIAL
DA ASSOCIAÇÃO DOS ARQUIVISTAS BRASILEIROS
v. 9 n. 3 dezembro 1981

*Os Arquivos
e a Avaliação
de Documentos*



2577 Clas. PER
vo & Administração
.3
dez.1981

Do q' se contem no requerimento dos Contratadores da neve posso atesta-
ser tudo verdade, porq' de tudo fui bem informado nos tempos em q' succedeu.
Nao creio haverá quem duvide q' convem favorecerlos p' q' acabem de aperfei-
zar sua empresa de q' resultará a esta Cid. ser provida de neve com mais
abundancia, prontidao, e certeza; assim porq' eles sao dignos deste favor pela
grande despeza q' ja tem feito, e pelo mto. trabalho q' lhes tem causado, como por
se por falta de proteccao se virem obrigados a desistirem deste neg.; nao hãe
outros q' se queiram meter nele.

Presuposto isto, tres pontos se devem tomar em consideracao p.a. vez
lucal da consulta do Senado: 1.º o tempo q' deve durar o privilegio renovado
2.º o preço porq' deverão os Sup.^{tes} neste t. ipo dar a neve: 3.º as penas
pelo contrato antecedente estavam sujeitos quando faltarem com a neve.

Quanto ao 1.º em todas as fabricas, e estabelecim.^{tos} novos se con-
tuma' conceder anos de privilegios bastantes nas lo. q' a sua firme fundacao, m.
q' deixarem lucro aos q' os empreendem. Esta maxima q' se pratica ainda
a respeito daquelas couzas, q' cadaqual pode continuar depois de introduzidas,
mto. mais deve ter lugar na introducção das nevencas, q', como ja disse, nãe
outro proseguir, se os Sup.^{tes} se deixarem disso. Nem o privilegio q' elles
pedem se porq' possam recear, q' outros intentem empresa semelhante a sua,
mas porq' Marcos Alvares, ou algum outro os nas' vendas perturbar con-
duzindo neve da Serra da Estrela. Pelo q' me parece, q' o privilegio se de
renovar aos Sup.^{tes} pelos dez anos q' pedem, visto q' publico nada creio a p.
dez nifos, antes tirará a conveniencia de q' eles animados com esta gra-
va' continuando os gastos q' ainda serião necess.^{os} p' elegarem ao fim da em-
presa.

Pelo q' toca ao preço, seja foye certo, q' os Sup.^{tes} todos os anos, ...
em Montejunto todo o provimento necess.^o, bem poderia fazer velles o arrat.
de neve ou gelo a trinta reis, porq' no grande consumo tiraria' hãe razõave.
conveniencia. Porém como ainda está mui longe desta certeza, e foye se
pontos ahaverem de mandar vir neve da Serra da Estrela, ou por se
bar a de Montejunto, ou por haver passado o inverno sem gelar totalmen-
naquele sitio; e alem disto se achas' em descuberto da grande despeza q' tem
feito, parece, q' toda a equidade persuade, q' se lles permita a venda de
neve por 40 R e o arratel em todos os dez anos, no q' ja o publico lucra
um vintem do preço por q' antes o comprava; ou ao menos q' se lles permita
venda nos primeiros seis anos a 40 R, e nos quatro seguintes a 30 R, porq'
quando se eleger a estey, conforme as circumst.^{as}, e o estado em q' se achar o

O transcurso do 10.º Aniversário de fundação da AAB proporcionou o ensejo de nos fixarmos mais atentamente em pontos decisivos no que se refere aos estudos relacionados à Arquivística e que, por isso, revelam-se objeto de especial atenção por parte dos profissionais da área.

O Seminário **A Arquivologia Contemporânea em Debate**, realizado nos dias 21, 22 e 23 de outubro, no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, constituiu-se numa oportunidade que tiveram os profissionais de arquivo de debater questões cuja relevância manifesta-se na própria seleção dos temas: **Os Arquivos e a Avaliação de Documentos; Publicações de Arquivos: Seu Papel e Significado e Construção de Arquivos**. A qualidade dos trabalhos apresentados deve-se à participação de renomados especialistas aos quais é creditado o grande êxito deste evento.

A presença de estudantes, em número significativo, deu-nos a satisfação de constatar que começam a produzir resultados os nossos esforços no sentido de promover maior aproximação entre aqueles que brevemente se tornarão nossos colegas, objetivando, dessa forma, o permanente incentivo ao debate.

Neste número encontra-se detalhada toda a programação comemorativa da nossa data maior, além da divulgação de trabalhos sobre **Avaliação de Documentos**, apresentados por Helena Corrêa Machado e Clairé de Sousa Pires.

Ressaltam-se os enfoques diferentes que foram dados ao assunto: o primeiro versa sobre os critérios gerais de seleção e avaliação, realçando o caráter interdisciplinar da mesma, tendo em vista as dificuldades de se determinar o valor dos documentos pela subjetividade que esta atividade encerra; o segundo aborda a matéria na área jurídica, enfatizando a legislação existente quanto aos prazos de prescrição de documentos.

Dando prosseguimento ao nosso trabalho, convém lembrar que o 5.º Congresso Brasileiro de Arquivologia, promovido pela AAB, a realizar-se de 17 a 22 de outubro de 1982, na Cidade do Rio de Janeiro, abrirá um novo espaço para o questionamento dos principais temas ligados à problemática arquivística.

Lia Temporal Malcher

Revista quadrimestral de divulgação da
Associação dos Arquivistas Brasileiros

Conselho Editorial

Eloísa Helena Riani
Helena Corrêa Machado
José Lázaro de Souza Rosa
José Pedro Pinto Esposel
Maria de la E. de España Santos
Maria Luíza S. Dannemann
Marilena Leite Paes

Redatora-Chefe

Maria Amélia Gomes Leite

Secretária

Maria Odila Kahl Fonseca

Editoração

Edições Achiamé Ltda.
Rua da Lapa, 180/gr. 1205-6
Tel.: 222-0222
Rio de Janeiro - RJ

Composição

Linótipo S/C Composições Gráficas

Impressão

Midas Ind. Gráficas Ltda.

SUMÁRIO

Editorial 1

Estudos

Os Arquivos e a Avaliação
de Documentos 3
Critérios de Avaliação de Documentos
de Arquivo 10
Avaliação de Documentos
de Arquivo 13
Os Arquivos e a Avaliação
de Documentos 16
Avaliação de Arquivos
Contemporâneos 20

Várias

Formação Arquivística 28
Os Arquivos e a Vida de Hoje 30

Desburocratização

Administração 32
A Burocracia é uma Máquina Armada
para Produzir Palavras e Papelório.
E um subproduto: a memória
nacional 33
Os Caminhos da Desburocratização 35
Informe 37
Crônica 48

**ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUIVISTAS
BRASILEIROS**

Diretoria 1981-83

Presidente:

Lia Temporal Malcher

Vice-Presidente:

Afonso Carlos Marques
dos Santos

1º Secretário:

Maria Amélia Gomes Leite

2º Secretário:

Jaime Antunes da Silva

1º Tesoureiro:

Eliana Rezende F. de Mendonça

2º Tesoureiro:

Lúcia Maria de Oliveira

Conselho Deliberativo

Astréa de Moraes e Castro
Gilda Nunes Pinto
Helena Corrêa Machado
Janine Resnikoff Diamante
Maria Luíza S. Dannemann
Marilena Leite Paes
Myrthes da Silva Ferreira
Raul do Rego Lima

Suplentes

Hélio dos Santos
Jaime Antunes da Silva
Maria Amélia Porto Migueis
Martha Maria Gonçalves
Maura Esândola Quinhões
Paulo de Tarso R. D. Paes Leme

Conselho Fiscal

Fernando Salinas
Maria de Lourdes da Costa
e Souza
Milton Machado

Suplentes

Eloísa Augusta Vieira
de Almeida
Marilúcia Ribeiro da Silva

Os artigos assinados são
de inteira responsabilidade dos
respectivos autores e não
expressam necessariamente
o pensamento da Associação
dos Arquivistas Brasileiros ou
dos redatores de
Arquivo & Administração.
Permitida a reprodução de
artigos desde que seja
observada a ética autoral que
determina a indicação
da fonte.

R. 25 FF

Arquivo & Administração v. 1- n. 0 1972-
Rio de Janeiro, Associação dos Arquivistas Brasileiros.
v. ilust. 28 cm quadrimestral.

Publicação oficial da Associação dos Arquivistas Brasileiros.

1. Arquivos — Periódicos. 2. Administração — Periódicos. I. Associação
dos Arquivistas Brasileiros. II. Esposel, José Pedro Pinto. III. Machado,
Helena Corrêa. IV. Paes, Marilena Leite. V. Vieira, Regina Alves. VI. Mal-
cher, Lia Temporal.

CDD 025.171

Este periódico está registrado na SCDP-SR/GB do DPF, sob o nº 397/D. 20.493/46

ISSN 0100-2244

permitir a compreensão do material eliminado.

Além do que foi dito acima, documentos produzidos por computador que contenham informações incorretas podem ser descartados, desde que tenham sido refeitos com as devidas correções e não sejam mais necessários para fins de auditoria ou proteção de direitos individuais.

Complementando estas regras gerais, os Arquivos Nacionais da Suécia baixaram instruções para serem seguidas por repartições autônomas.

12. Resultados e Controle

Em seu relatório apresentado no Congresso Internacional de Arquivos, em 1972, F. I. Dolgikh apre-

sentou uma interessante pesquisa sobre os efeitos decorrentes da eliminação. Os números que apresentou podem ser complementados pelos que foram fornecidos em resposta ao questionário, e são os seguintes: Grã-Bretanha guarda de 1-2% de seus documentos; RDA, URSS, EUA, 1-4%; Canadá e França, 5,10%; Áustria, Índia, Holanda, 10-20%; Finlândia, Suécia, Suíça e Ghana, 20,30%; Bulgária e Austrália, 30-40%; Noruega, 40-60%; Rumânia, 50-70%; e Luxemburgo, 98%.

Uma nítida diferença entre os números apresentados por determinados países em 1972 e em 1975 mostra as dificuldades em calculá-los de modo idêntico. Naturalmente, é interessante estudar de que forma diferentes países avaliam os efeitos da eliminação. A julgar pe-

los números apresentados, eles são, na maioria das vezes, surpreendentemente grandes.

Voltando ainda uma vez aos arquivos informáticos, tem-se a impressão de que o efeito da eliminação, em toda a parte, é muito grande. Na Suécia calcula-se que apenas cerca de 5% da totalidade de fitas magnéticas são preservadas.

Abstract

The evaluation of contemporary documents in archives all over the world. A study based on replies to the Enquiry Regarding Destruction Conditions and Problems, developed and circulated by the National Archives of Sweden in 1975 among 60 countries as a preparation for the VIII International Congress of Archivology held in Washington, DC, from September, 27 to October, 1, 1976.

VÁRIAS

FORMAÇÃO ARQUIVÍSTICA

*Astréa de Moraes e Castro**

Nossa legislação específica, ainda escassa, inicia-se cronologicamente com a formação dos profissionais de arquivo e com o Parecer n.º 212, de 1972, do Conselho Federal de Educação.

Para apresentarmos o projeto de curso superior, em primeiro lugar, no *Encontro de Governadores sobre o Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* e, posteriormente, ao Conselho Federal de Educação, havíamos concluído que, sem formação profissional, não levaríamos avante todas as grandes empreita-

das de uma política de arquivos em nosso país. Éramos muito poucos para enfrentar a implantação de um Sistema Nacional de Arquivos, desde aquela época, projetado.

Obtivemos sucesso na primeira investida. O Conselho Federal de Educação compreendeu a necessidade da formação de especialistas. Estes tentariam recuperar, um pouco, o tempo perdido, sensibilizando as autoridades para obter o apoio necessário, com o objetivo de salvar nossa história e preparar a documentação viva de hoje, de maneira que esta não percorresse o mesmo caminho da anterior, cujo destino foram os porões ou o incinerador.

O curso superior de arquivo foi autorizado. O currículo mínimo aprovado dois anos mais tarde.

No momento, três universidades já criaram seus cursos: Santa Maria, Rio Grande do Sul, UNI-Rio e Universidade Federal Fluminense, no Rio de Janeiro. Aguardamos a implantação de outros mais. Brasília teve nosso apoio para implantar o curso na Associação de Ensino Unificado do Distrito Federal (AEUDF) e na Universidade de Brasília (UnB). Apesar de nossos esforços, a AEUDF não colaborou para que se efetivasse a implantação, depois de o processo já estar

* Diretora do Arquivo Histórico da Câmara dos Deputados; e Diretora do Núcleo Regional da AAB em Brasília.

tramitando no Conselho Federal de Educação. Nossa esperança, agora, se fixa na UnB.

Está, pois, na hora do balanço dos cursos já existentes, antes de iniciarmos os próximos.

Estão os cursos de arquivo correspondendo à expectativa que tínhamos ao projetarmos sua criação?

Os arquivistas saídos das universidades estarão aptos a atender às necessidades urgentes e prementes do Brasil, que seriam: planejamento e organização de sistemas de arquivos em um ministério, empresa estatal ou privada, elaborando: O código de classificação de todos os seus assuntos; o plano de destinação e a tabela de temporalidade; o fluxo racional e tramitação da documentação; um plano de *controle de natalidade* de documentos e sua execução; o mecanismo da recuperação da informação; plano para microfilmagem e supervisão do mesmo; plano para aplicação do computador e respectivo acompanhamento; treinamento de pessoal; salvamento da documentação histórica brasileira, enfrentando grandes massas documentais disformes, de 2.^a e 3.^a idades, misturadas com fundos, inteiramente dispersos ou fundidos, realizando: classificação e arranjo de toda a documentação; descrição; inventário preliminar; inventários mais sofisticados (analíticos) e guias?

As primeiras turmas de arquivistas têm, talvez, responsabilidade maior que os formandos de outras áreas. Espera-se, em geral, que os graduados obtenham experiência no correr dos anos. Teremos que apressar a experiência dos arquivistas... O Brasil está começando muito tarde e os novos profissionais terão que recuperar o tempo perdido. Esperamos deles um milagre brasileiro.

Os cursos estão sendo implantados com muito idealismo e com muita garra. Santa Maria é um be-

lo exemplo. Mas temos consciência de que, esperando o milagre por parte dos primeiros arquivistas, comprometemo-nos a lhes dar uma atenção muito especial e cuidadosa.

Estágios mais longos deverão ser proporcionados em arquivos, mesmo que, para isto tenham que se locomover para o Rio ou Brasília. Convênios vão ser necessários com a Fundação Getúlio Vargas e o Arquivo Nacional, no Rio; Câmara dos Deputados, Divisão de Pré-Arquivo e SEPLAN, em Brasília, para exemplificar. Posteriormente, esses primeiros profissionais, voltando à sua região de origem, deverão atender à formação de outras turmas, organizando os arquivos e usando-os como laboratório.

Conhecemos a formação do arquivista na América do Norte e Europa. Um curso superior (Letras, Direito, História) antecede ao estudo dos arquivos. Estes ainda, só se referindo ao de custódia permanente ou histórico. O estudo de organização de arquivos correntes ou administração de documentos se faz separadamente, em cursos de menor duração.

No Brasil, assim como na Argentina, na Espanha e em outros países da América Latina, temos o curso de três ou quatro anos, em que o aluno estuda História, Administração, Direito etc. ou seja, matérias afins que, juntamente com as matérias específicas de Arquivologia, formam o arquivista. Pretende-se, então, num só curso, fornecer o embasamento técnico-científico de que o profissional precisa.

Muita pretensão a nossa? Não nos parece.

Talvez a experiência em nosso trabalho nos tenha levado a idealizar o arquivista com sua formação específica; sem ter sido estratificado em outra área, sem os métodos e os padrões já assimilados, que poderiam deformar o comportamento arquivístico.

Entretanto, fazemos uma ressalva. As aulas expositivas e o estágio curto obrigatório no currículo não são o bastante. Principalmente porque não temos arquivistas em número suficiente para supervisionar os estágios de cada universidade.

Ainda a experiência nos ensina: um bibliotecário se forma em três ou quatro anos; um arquivista só estará apto a enfrentar as tarefas já citadas, se contar com um estágio de um ano, no mínimo, em um dos ramos escolhidos por sua vocação, sendo seu trabalho dirigido por arquivistas de competência comprovada.

Nossa sugestão vai além.

Hoje possuímos, no ensino universitário brasileiro, a obrigatoriedade das habilitações específicas em todos os ramos. Ao fim do curso superior, o formando já descobre qual o tipo de arquivo ao qual vai se dedicar e escolhe a habilitação específica oferecida pela escola. A UnB, por exemplo, deverá oferecer: arquivo histórico, arquivo corrente e arquivo informático.

Propomos, para o curso de arquivo, a habilitação específica e o estágio obrigatório, como atividades eminentemente práticas. Numa fase posterior, o estágio de um ano ou mais para completar a formação.

Entidades públicas e privadas já acordam para uma organização científica de arquivo. Acordam, depois de um longo sono e, no despertar, exigem soluções imediatas. Prevíamos esta hora e esta vez dos arquivos. Catequizamos, divulgamos, incentivamos com esta finalidade: que os órgãos compreendessem que sem arquivos organizados não haveria desenvolvimento. Ao mesmo tempo, propusemos o curso superior. Estão eles surgindo, mas ainda são poucos para atender à demanda de todos os ministérios, empresas estatais e empresas privadas.

É um momento difícil para nós, em que os profissionais se firmam, procuram desfazer o ar de incredulidade dos administradores que não aprenderam, ainda, a confiar em nossa capacidade. Somos testados, somos abordados até agressivamente. O atual profissional de arquivo precisa ter e demonstrar segurança e habilidade para sustentar sua posição, rebater todas as insinuações, e mais, modificar

toda uma mentalidade ainda existente, nas administrações.

Por isso, às primeiras turmas, daremos todo o nosso apoio, porque sentirão esses embates e terão que sair ilesos e com seu *status* garantido. A elas cabe enfrentar esta primeira e pesada fase em que se forma uma nova consciência nos vários níveis e setores de atividades. Elas ainda se incumbi-

rão de colocar a profissão no seu devido lugar.

Urge, pois, *apressar* — se assim podemos dizer — a experiência dos primeiros profissionais. Eles, se encarregarão de orientar os próximos.

Nesse mecanismo de esforço em cadeia, poderemos ter, em pouco tempo, profissionais aptos a enfrentar as grandes lides arquivísticas em nosso país.

OS ARQUIVOS E A VIDA DE HOJE*

*D. Paulo Evaristo Arns***

O ano de 1979, consagrado pela Unesco como Ano Internacional dos Arquivos, prometia abrir nova era de interesse histórico entre nós. E o Brasil precisa cultivar sua História. Até para garantir o amor à Pátria, nesta época de confusões. Quem ama, preza o passado; nele busca os sinais e os tempos que geraram e fortaleceram a solidariedade.

O Ano Internacional pela preservação dos Arquivos não quis reativar a guerra dos papéis. Antes, organizar e preservar o que existe e cuidar da ordem documental. Portanto, um dever cívico, quase diria, religioso.

“Documento destruído é História perdida.”

Nos albores de nossa História, o perigo do naufrágio levava autoridades brasileiras a providenciarem três cópias de documentos importantes: duas partiam, em navios diferentes, a Portugal, e uma se guardava ou na Bahia, ou no Maranhão, ou no Rio de Janeiro.

* Extraído da *Folha de São Paulo*, São Paulo, 21 out. 1981.

** Cardeal Arcebispo de São Paulo.

Quem já teve a felicidade de ler o Relatório de Michel Duchein sobre sua inspeção, de 1978, aos arquivos de São Paulo, Brasília, Rio e Minas, percebe que somos hoje menos cuidadosos e previdentes que no início de nossa História, mas também descobre novos fios de esperança, abertos por arquivistas competentes e responsáveis, nos diversos centros do Brasil.

Os Arquivos Servem ao Presente

O presente emerge do passado. Recebe dele os propósitos da Nação e os passa, fortalecidos, ao futuro. John dos Passos lembra que nos tempos de mudança e perigo — quando se infiltra a areia movediça do medo na alma dos homens — o senso de continuidade pode prolongar a linha da vida e confortar a geração assustada. É por isso que a História, unida às artes, tem a incumbência de contar a dignidade do povo e seus valores mais perenes.

Não é de hoje o cuidado pelos arquivos públicos. Na antiguidade,

nem havia distinção clara entre biblioteca e arquivo. Ambos se abrigavam no mesmo edifício, embora a cada qual se reservasse lugar distinto. O funcionário do arquivo, e não da biblioteca, levava o nome honroso de Notário.

No fim do 4.º século, São Jerônimo põe lado a lado os arquivos públicos e as estantes de documentos eclesiásticos. Público era o arquivo, porque se destinava a guardar documentos pertencentes ao público, embora não fosse visitado por todos.

Já nos escritos de São Jerônimo vemos queixas sobre a deterioração dos manuscritos, pela ação do tempo e sobretudo pela umidade. “Rapidamente escurecem e, assim, se destroem.”

Arquivos e Eficiência

Para os que se referem aos arquivos como “papel velho” convém lembrar que os melhores governos melhor se utilizam de arquivos. Era essa a opinião da rainha Vitória e do imperador Napoleão e, em